



## Salário mínimo ideal deveria ser de R\$ 5.304,90, diz DIEESE

Valorinveste Brasil e Política

### Inflação 'do aluguel' fecha 2020 com alta de 23%

O IGP-M registrou inflação de 0,96% em dezembro, abaixo da mediana das estimativas de 21 consultorias e instituições financeiras ouvidas pelo Valor Data, de 1,20%

Por Valor — São Paulo  
20/12/2020 08h10 - Atualizado há 2 semanas

O Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M) registrou inflação de 0,96% em dezembro, percentual inferior ao apurado em novembro, quando

RBA Rede Brasil Atual

RADIO BRASIL ATUAL POLÍTICA SAÚDE E CIÊNCIA CIDADANIA AMBIENTE ECONOMIA TRABALHO EDUCAÇÃO CULT

#### ECONOMIA

### Custo de vida dos mais pobres piora. Em São Paulo, cesta básica sobe 8 vezes mais que a inflação

Custo de vida para a população mais pobre é maior, com alta da cesta básica em 15 das 17 capitais pesquisadas. Seria necessário salário mínimo de mais de R\$ 5 mil

Por Valor/Receita da RBA Publicação 06/11/2020 - 16h19

Metrô CPTM ÚLTIMAS NOTÍCIAS METRÔ DE SÃO PAULO CPTM VEJA TAMBÉM

### Governo de SP aumenta valor da tarifa do Vale-Transporte para Metrô e CPTM para R\$ 4,83

Novo valor passará a valer no dia 23 de janeiro. Prefeitura de São Paulo já havia adotado nova tarifa em 2020

CAIRO LOBO  
16 DE JANEIRO DE 2021

Agência Brasil

### Gás de cozinha sobe mais que o dobro da inflação em 2020

Elevações de preços impactam mais famílias de baixa renda

Publicado em 12/01/2021 - 16h42 Por Welton Máximo - Repórter da Agência Brasil - Brasília

Depois da inflação dos alimentos, no segundo semestre, o brasileiro enfrentou uma nova pressão sobre os preços no fim de 2020. O gás de cozinha encareceu o ano passado com alta de 9,24%, segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), divulgado hoje (12) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Isso representa mais que o dobro da inflação de 4,52% registrada no ano passado.

Usado principalmente pelas famílias mais pobres, que vivem em domicílios com menos estrutura, o gás de cozinha terminou em alta na comparação com outros tipos de derivados de petróleo. O gás encaixado, usado pelas famílias de maior renda, terminou 2020 com recuo de 1,29%. O gás veicular fechou o ano passado com alta de 1,66%.

Relacionadas

- Economia Inflação de 2020 foi melhor que previsão anterior, diz diretor do BC
- Economia Inflação da construção civil atinge 10,16% em 2020

No último dia 01 de janeiro os sindicatos de vigilantes do Estado de São Paulo assinaram com o setor patronal a Convenção Coletiva da categoria.

Com a reposição inflacionária de 4,31% o piso salarial que era de R\$ 1.597,71 foi para R\$ 1.666,57, uma diferença de R\$ 68,86.

Já o ticket refeição que era R\$ 27,26 foi para R\$ 29,00, um "reajuste" de R\$ 1,74.

Mas será que essa reposição de menos de R\$ 70 é suficiente para com-

pensar a perda do poder de compra do trabalhador? A resposta é NÃO!

De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) o salário mínimo ideal para que uma família pudesse se sustentar deveria ter sido de R\$ R\$ 5.304,90 em dezembro de 2020.

Isso porque, ao longo do ano que acabou, itens essenciais para a sobrevivência do brasileiro subiram bem mais que a inflação do ano.

Segundo o Índice Na-

cional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a inflação oficial em 2020 foi de 4,52%.

Mas o gás de cozinha aumentou bem mais que o dobro disso, fechando o ano com alta de 9,24%.

Isso obrigou milhares de brasileiros a voltarem a utilizar lenha para cozinhar, como há muito tempo não se via.

Já a cesta básica subiu mais de 8 vezes do que a inflação medida em 2020. Os reajustes acumula-

dos de arroz (76%), feijão (45%), carnes (18%), leite (27%) e óleo de soja (104%) pesaram demais para a camada mais vulnerável da população.

Dois outros itens fundamentais para os brasileiros, o aluguel e a tarifa de energia elétrica, fecharam 2020 com alta de 23% e 9,2%, respectivamente.

Os gastos com alimentos, energia e gás comprometem 37% dos orçamentos dos mais pobres, tornando a tarefa de sobreviver com esse salário uma tarefa quase impossível.

# Aumento de R\$ 68,86 não cobre perdas que os vigilantes de São Paulo tiveram ao longo dos anos

Não precisa ser economista para perceber que os 4,52% (R\$ 68,86) não repõe a perda do poder de compra dos vigilantes.

Os profissionais da segurança privada precisam de aumento real de salário, precisam ser valorizados, precisam ser respeitados.

Entretanto, já são mais de 8 anos sem que haja aumento, apenas reposição da inflação.

Isso significa que a cada ano que passa o di-

SALÁRIOS DOS VIGILANTES NOS ÚLTIMOS ANOS				
Ano	Salário	Reposição da Inflação (%)	Aumento real	Salário final
2013	R\$ 1.081,66	5,58%	0%	R\$ 1.145,59
2014	R\$ 1.145,59	6,33%	0%	R\$ 1.218,15
2015	R\$ 1.218,15	10,97%	0%	R\$ 1.351,78
2016	R\$ 1.351,78	7,00%	0%	R\$ 1.446,40
2017	R\$ 1.446,40	2,80%	0%	R\$ 1.486,90
2018	R\$ 1.486,90	4,05%	0%	R\$ 1.547,12
2019	R\$ 1.547,12	3,27%	0%	R\$ 1.597,71
2020	R\$ 1.597,71	4,31%	0%	R\$ 1.666,57

nheiro vale menos, tornando mais difícil sobreviver com o salário que a categoria recebe.

Mas não será possível

conquistar nada se a categoria não estiver consciente da importância de lutar por melhores condições de trabalho e remuneração.

neração.

Talvez essa seja a luta mais importante que os vigilantes tenham que travar.

## Ricos mais ricos e pobres mais pobres

Os indicadores de emprego e renda divulgados pelo IBGE sinalizam o pior dos mundos para este ano, impondo um cenário desesperador para os mais pobres.

Desde maio do ano passado o desemprego aumentou em 27%, totalizando 12,9 milhões de brasileiros.

Ao mesmo tempo, 107 milhões de lares serão atingidos com o fim do auxílio emergencial. A falência de cerca de 700 mil pequenos negócios até junho completa o cenário do desastre econômico e social.

Por outro lado, os mais ricos ficam ainda mais ricos, mesmo em meio à pandemia. De acordo



Ligados ao setor digital e novas tecnologias foram os mais beneficiados no pe

com os especialistas, isso acontece porque os ricos não compartilham os lucros com quem lhes gera riqueza, que são os trabalhadores.

Segundo o ranking da ONU sobre o tema, em 2019 o Brasil era o sétimo país mais desigual do mundo e o segundo



com maior concentração centraliza 28,3% de toda a de renda: o 1% mais rico riqueza do país.